

A INSERÇÃO DE MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADE PELOTENSE.

CANDIOTA, Helena dos Santos¹; RUBERT, Rosane Aparecida²

¹Graduanda em Ciências Sociais, UFPEL. E-mail: helena.candiota@hotmail.com

²Departamento de Antropologia e Arqueologia – ICH/UFPEL.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma discussão sobre diferentes formas de inserção da mulher negra na sociedade pelotense: o emprego doméstico e a docência. Faço uma relação entre duas experiências de pesquisa: a desenvolvida para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulada “*Empregadas domésticas: identidade e imagem uma etnografia no sindicato de Trabalhadores Domésticos de Pelotas*”, e outra relacionada às minhas atividades como bolsista do Projeto de extensão “*Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afro-brasileira*”. Uma das atividades do projeto é a realização de entrevistas junto à antigos(as) associados(as) visando a reconstituição da memória do Clube, e por meio nos deparamos com o fato do clube apresentar, entre suas antigas associadas, um número significativo de professoras negras já aposentadas.

A pesquisa propõe o aprofundamento teórico sobre a inter relação entre os conceitos de classe social, grupo étnico racial e gênero. O objetivo é compreender o universo das mulheres negras pelotenses a partir de suas trajetórias de vida delimitadas pelos conceitos já citados. Tem-se como hipótese a perspectiva de que em meados do século XX, em muitas famílias negras cujas mães eram empregadas domésticas, algumas de suas filhas ascenderam ao papel de professoras, enquanto outras permaneceram em uma situação de classe similar às de suas antecessoras. A formação docente emerge como um processo de transição de classe social e de inserção na sociedade sob melhores condições. Investigaremos em que medida o preconceito racial incidiu sobre a trajetória dessas mulheres, sejam elas professoras ou trabalhadoras domésticas, e se isso colocou empecilhos ou não em suas estratégias de ascensão social. Enfatiza-se que a pesquisa esta em fase preliminar.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Está sendo feito uso do método etnográfico, com o foco na realização de entrevistas gravadas em áudio, além de se retomar os dados produzidos por ocasião da realização do Trabalho de Conclusão de Curso. As entrevistas realizadas pelo Projeto de Extensão no Clube Fica Ahí têm sido direcionadas para a reconstituição da memória do Clube enquanto espaço de sociabilidade negra, mas temos aproveitado a ocasião para coletar relatos biográficos de mulheres negras professoras aposentadas para investigar as questões acima colocadas. A metodologia está direcionada para a reconstituição de trajetórias de vida de mulheres negras e suas diferentes possibilidades de inserção social. Com o tempo, pretende-se incorporar a análise de documentos e de materiais iconográficos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com GRISA (2010), apoiado no conceito de classe social de Edward Palmer Thompson, que vai além da perspectiva marxista de luta de classes

e formação de classe social, é pertinente agregar ao termo classe social outros conceitos, como experiência e cultura, transcendendo determinantes econômicos. Para ele, os atores sociais articulam-se de acordo com suas experiências pessoais e sociais, agindo sobre e sofrendo a ação da estrutura social, embebidos pela cultura que os cerca. Penso que as mulheres negras imersas na sociedade pelotense, mesmo com a discriminação sofrida em alguns espaços da vida em sociedade, como trabalho, lazer e etc., reagiram a esta situação apostando na docência como uma forma de ascensão social; e conseqüentemente, permitindo a sua associação ao um clube social negro. Outras, porém, não lograram alcançar tal ascensão, e é então que se faz pertinente investigar que elementos diferenciam a trajetória de mulheres negras professoras e de mulheres negras domésticas.

Segundo SILVA (2011), existiram muitas associações negras na passagem do século XIX para o século XX, sendo que algumas ainda persistem, como o clube social *Fica Ahí Pra Ir Dizendo*, o qual é considerado formado por uma “elite negra”. A autora afirma que classe, neste universo, caracteriza-se por negros com empregos fixos e com condições de arcar com os parâmetros exigidos em relação aos associados, ou seja, “elite negra” não pela profissão de seus membros, mas sim pelas condições financeiras para manter o vestuário e a participação social em comparação aos clubes como *Chove não Molha* e *Depois da Chuva*.

Para autora Santos (2010) o clube social negro:

Foi uma reação por não ter outro lugar para freqüentar, a possibilidade de existir um local onde os negros também pudessem ter uma convivência social, tal como os parâmetros da época norteavam. [...] destaco também que o clube foi uma forma do negro não ser vitimado por não poder freqüentar os lugares tradicionais. Criou o seu próprio espaço, lutando assim para a preservação de seu lugar. (SANTOS: 2010, p. 68).

A formação dos clubes pelas famílias negras foi uma reação à ideologia racista da elite branca pelotense, que não permitia a presença de pessoas de cor nos salões de seus clubes. Esta consciência social de organização do negro, baseado em Thompson, pode-se considerar como luta de classe. Os clubes sociais negros tinham dois recortes: étnico-racial e classista. Essa perspectiva fica evidente a partir da informação a seguir:

A gente começou a participar efetivamente quando teve, através da profissão, que daí a agente já tinha condições de participar. Porque tu sabe, que sociedade é sociedade, todas elas são iguais. A gente precisa ir arrumada, tem que ir... A coisa era tão difícil, que quando eu me formei, naquele tempo a gente ia pra fora não ficava na cidade. A gente fazia concurso, e eu fui nomeada pra Jaguarão. (Entrevistada 1, professora aposentada, sócia do Clube Fica Ahi).

As relações sociais e os discursos que ocorriam dentro destas associações formam uma identidade positiva em termos de comportamento, postura, auto-estima, etc. Isto leva as famílias negras a impregnarem nos seus filhos a busca pela quebra de barreiras racistas e discriminatórias vigentes na sociedade pelotense, sendo a educação o principal mecanismo utilizado para isso.

Por outro lado, dentro da vasta bibliografia sobre emprego doméstico no Brasil, encontra-se que o perfil da mão de obra é na sua maioria mulheres, pobres, baixa escolaridade e negras. A cidade de Pelotas não se distancia deste padrão (PRIETO, 2000). Apesar disso, muitas mulheres negras pelotenses influenciaram

suas filhas para que elas não tivessem o seu mesmo destino de trabalho, encaminhando-as para docência¹ como um meio de melhorar suas condições de vida. Então aqui se retorna ao Thompson, reforçando que os seres humanos são agentes de sua história, e podem a partir de suas lutas individuais e coletivas modificarem a representação e a estrutura social. A docência seria uma extensão da esfera domiciliar onde meninas e meninos teriam educação formal e informal, cabe aí o lugar da mulher, o que nos leva a inserir na discussão na questão de gênero:

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio destas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc. para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente. (LOURO, 1997, p. 96-97).

Trazendo para a discussão aqui tratada, a sociedade permite que filhas de empregadas domésticas tenham mobilidade para a docência como passíveis de ensinarem filhos de patrões/homens brancos. As famílias negras que formavam o Clube Fica Ahí eram famílias de classe média, geralmente, militares, professoras e autônomos (como alfaiates). Mas são oriundas de descendência de trabalhadores manuais (ex. empregadas domésticas). Segundo Figueiredo (2004),

[...] a classe média negra brasileira é composta majoritariamente por indivíduos da primeira geração de ascendentes, na maioria das vezes filhos de trabalhadores manuais que não herdaram bens imóveis, portanto, sobrevivem exclusivamente dos salários, e nem foram socializados num ambiente de classe média, o que poderíamos nos referir ao *habitus* de classe.⁵ (grifo da autora. FIGUEIREDO, 2004, p. 203).

A mobilidade social das mulheres negras se deu pelo apoio econômico de suas famílias extensas e pelo apoio psicológico da pertença a um clube social negro, o qual buscava uma identidade positiva para a população negra pelotense. Na sociedade brasileira, as mulheres negras ocupam os piores postos de trabalho, “gueto de subalternização”, porém nas brechas da sociedade moderna, como os concursos, as mulheres negras burlam este imaginário de discriminação racial no mercado de trabalho (FIGUEIREDO, 2004). Como o depoimento abaixo sugere, o clube social faz das relações sociais um meio de troca de informações:

Bom, aí ia ajeitando mais o clube, né?! Foi feita a sede... Muita coisa o Fica Ahí ganhou, é claro, de uma hora pra outra... Aí a gente fazia muita, muita coisa com amor lá dentro. Então esse grupo de moças, nestas alturas então nós estávamos tudo estudando, tirando o normal. Então era assim, uma entrava pro ginásio: ‘então vamos fazer exame de admissão?’ ‘Então vamos fazer’. Aí juntava quatro, cinco das colegas: ‘o que é que tu vai fazer?’. Assim, tudo com amizade, né?! [...] A gente foi ficando moça, trabalhando sempre em conjunto, e continuamos assim, né?! (Entrevistada 2, professora aposentada, 77 anos, sócia do Clube Fica Ahí).

¹ Inicialmente a constituição das instituições escolares era majoritariamente dominada pelos homens, os mestres. Ao longo do tempo, passaram por processos de transformação aonde há uma ressignificação, tomando as mulheres um importante papel nas escolas. (LOURO, 1997)

Com a expansão do Estado brasileiro e a relativa democratização do ensino, muitos negros tiveram a acesso ao serviço público e ao ensino superior. Isto ocorre por que o critério de seleção de ambos é por exames e não por “indicações” e/ou por estética dos candidatos. Por conseqüência, parte do segmento negro consegue ocupar posições sociais diferentes da família de origem. Além do clube Fica Ahí fortalecer as relações sociais entre os negros, ele também influenciava/prestigiava os jovens estudantes:

... depois de muitos anos é que o Fica Ahí começou a botar, a fazer esta parte. [...] Ai começou, ficou assim os bailes, as festas de Natal do Fica Ahí, como ele era cultural, então ele fazia, cada pessoa, moça ou rapaz que se formavam ou terminavam algum curso, no Fica Ahí tinha aquela homenagem. Então era aquele baile que a gente ia. Nessa Alvorada que eu tenho lá, até tem o nosso retrato de toga e beca. E as pessoas que se formavam, as companheiras e tudo, então tinha aquela festa todos os anos para homenagear os estudantes que se formavam. Muitos, e muitos anos foi feito isto... (Entrevistada 2, professora aposentada, 77anos, sócia do Clube Fica Ahi).

4 CONCLUSÃO

Concluo enfatizando que as mulheres negras se inserem na sociedade pelotense a partir do trabalho, e por conseqüência, a participação em clube social negro, neste elas estabelecem relações de amizade e incentivos educacionais. A fase de desenvolvimento da pesquisa impossibilita um resultado efetivo, mas acredita-se que a continuidade da pesquisa permitirá inferências mais aprofundadas.

5 REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Angela. **Fora do jogo**: a experiência dos negros na classe média brasileira. Cadernos Pagu, n. 23, p. 199-228. Campinas, julho-dezembro de 2004.

GRISA, Gregório Durlo. **As ações afirmativas na UFRGS**: uma análise do processo de implantação. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS. Porto Alegre, 2010.

PRIETTO, Ana Cláudia Duarte. **O trabalho invisível**: as condições socioeconômicas das trabalhadoras domésticas na cidade de Pelotas. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Escola de Serviço Social. UCPEL, Pelotas, 2000.

SANTOS, Fernanda Gabriela Soares dos. **Abrindo o livro das suas vidas**: trajetórias de formação de quatro professoras negras. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFSM. Santa Maria, 2010.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os Negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços**: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. O gênero da docência. In: **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1997. N°4, p. 88 – 98.